

Mulheres e Covid-19: a liderança feminista

RESUMO

Maria Sara de Lima Dias
E-mail: mariadias@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Paulo Caldas Brognoli
E-mail:
paulabrognoli@alunos.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil

Pretendeu-se neste artigo investigar, através de notícias veiculadas na mídia, o papel e o lugar da mulher nesta pandemia. Frente à evolução do Coronavírus (COVID-19), que se espalha pelo mundo e a pandemia na qual cientistas e demais profissionais para além da área da saúde têm trabalhado, a mulher está empenhada nas ações de diagnóstico, no atendimento dos casos e em práticas de cuidado. Compreender a ação da mulher nesta área de trabalho, requer dar maior visibilidade aos desdobramentos do isolamento social, bem como à peculiaridade do papel das mulheres em um nível mais profundo no que se refere à sua prática de cuidados na atenção à saúde. Para a mídia e o público em geral, a falta de reconhecimento de que se trata de uma pandemia representa mais um desafio para as mulheres. Intensificando ações tanto no ambiente público quanto no privado, se observa uma práxis de inegável papel como gestora da família. A mídia pode contribuir ou não para dar a esta interpretação uma forma mais sistemática de valorizar a participação da mulher, ao atuar no desenvolvimento da pesquisa científica, no trabalho com a saúde pública ou em casa. Evidenciar a luta feminista contra a pandemia, assim como promover a igualdade da participação das mulheres é propor práticas de cuidado também ligadas ao gênero. O acesso à igualdade de oportunidades requer uma mudança de paradigmas oriundos da divisão sexual do trabalho e das políticas públicas em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; ciência; desigualdade de gênero; pandemia; COVID-19.

INTRODUÇÃO

Frente à pandemia que assola o mundo, a importância atual do fenômeno de precarização do trabalho e do emprego é ilustrada de maneira diversificada no que diz respeito ao gênero. Se existe um aumento do emprego feminino este vem acompanhado em simultâneo do crescimento do trabalho vulnerável e precário das mulheres. No entanto, são elas que estão em sua maioria ocupando os espaços de trabalho na frente do combate à pandemia

As novas fronteiras da desigualdade social se ampliam em diferentes linhas que distanciam os efeitos da pandemia sobre as mulheres de classes sociais diferentes e de níveis culturais distintos. A responsabilidade sobre o cuidado do lar e da família se repete em gestos, rotinas, medos e inseguranças diárias. Ao passo que o avanço da flexibilidade do trabalho e do *home office* afetam estas rotinas de atividades e tomam as mulheres em seus espaços privados de vida de modo mais profundo. Desde o trabalho das donas de casa, das domésticas até as médicas de plantão, a exposição ao risco que a mulher enfrenta é sempre maior. As mídias apresentam um conjunto de representações contraditórias sobre o papel e lugar das mulheres que, em determinados momentos, surgem enaltecendo seu trabalho e em outros momentos desaparecem.

Observa-se no contexto atual uma mistura de avanços e de recuos, no que se refere à continuidade de marcadores androcêntricos sobre o papel da mulher. As marcas sociais continuam constantes, evidenciando uma sociedade patriarcal, e mantendo, de acordo com Antunes (2004), a precarização do trabalho. Tem-se percebido como uma das consequências mais visíveis da flexibilização do mercado de trabalho a proliferação de formas de emprego de caráter flexível, de novas formas de contrato e, principalmente, o declínio da oferta de empregos típicos ou permanentes para as mulheres. E, segundo Hirata (2002), as consequências dessa evolução da atividade feminina são múltiplas, mas pode-se dizer que uma das mais importantes consiste no fato de que este trabalho precário, vulnerável e flexível pode constituir um modelo que prefigura um regime por vir de assalariamento masculino e feminino. Mas a vida da mulher não se resume ao trabalho flexível, pois na atual situação, a sobrecarga das demais atividades envolve *o ser mulher*, no papel de dona de casa, mãe e cuidadora; de uma forma em que não se negocia no lar quase nada, reafirmando-se o peso da responsabilidade com a gestão doméstica como uma função preponderantemente da mulher.

Com a pandemia, as mulheres têm de se dividir entre diversas funções: emprego fora de casa, trabalhos domésticos, assistência à infância (cuidado com filhos), educação escolar em casa (já que as escolas estão fechadas) e assistência a pessoas idosas na família. Todos estes papéis ainda repercutem na intensificação do trabalho das mulheres. De fato, a crise sanitária impõe alterações na própria ciência que estuda e pesquisa sobre o vírus, afetando de forma maior as mulheres. Um exemplo é o das pesquisadoras do Instituto de Medicina Tropical da Universidade em São Paulo (USP), a biomédica e doutoranda Ingra Morales Claro e a Dra. Ester Sabino que trouxeram maior visibilidade para o papel das mulheres cientistas nesta pandemia. Em sua história, este grupo de pesquisadores(as), na maioria mulheres, sequenciaram o genoma do Coronavírus em 48 horas, um importante avanço histórico na pesquisa para o momento atual. A valorização do esforço do trabalho das cientistas é essencial e demonstra a importância das pesquisadoras para o avanço do conhecimento científico em geral. Frente à

catástrofe social do Coronavírus muitas destas ações de pesquisa das mulheres são por vezes ocultadas pela falta de visibilidade dos aparelhos midiáticos.

A mídia, segundo Eagleton (1991), é um complexo meio de comunicação que envolve mensagem e recepção, por formas diversas, atua de maneira a manipular os elementos simbólicos conforme lhe seja conveniente. Desta forma, as mulheres ganharam alguma visibilidade enquanto cientistas à frente de geração de informação relevante para o campo do conhecimento da saúde. No entanto, elas dividem a atenção da mídia com os homens quando se trata de desenvolvimento tecnológico ou conhecimento científico, mídia que não dirige a mesma atenção para as descobertas feministas. É preciso mudar a representação social das mulheres no campo das ciências e tecnologias igualmente. Para Freitas e Luz (2017), essa representação simbólica do indivíduo que faz ciência e tecnologia e que foi historicamente construída, aliada a uma percepção linear e não crítica sobre a produção do conhecimento científico e tecnológico, contribuiu para que restrições ao acesso na área de C&T fossem impostas às mulheres, demarcando esse espaço como território masculino.

As desigualdades enfrentadas pelas mulheres no Brasil também se manifestam em países como França, Espanha, Alemanha e são muito grandes quando se pensa em condições de vida, e restrições à sua participação na liderança do desenvolvimento das ações de controle da pandemia. Para a ONU Mulheres (2020), apesar das medidas robustas em todo o mundo para conter a pandemia da COVID-19, o impacto social do novo Coronavírus está atingindo mais fortemente as mulheres, uma vez que elas representam 70% das pessoas que trabalham no setor social e de saúde. A condição feminina de trabalho, adquiriu com o tempo e os movimentos sociais alguma visibilidade na luta por igualdade, porém frente à pandemia do Coronavírus é preciso questionar as correntes hegemônicas do pensamento econômico e político que não levam em conta a participação da mulher nas práticas do cuidado.

Elas são três vezes mais responsáveis pelos cuidados não-remunerados em casa do que os homens, de acordo com a ONU Mulheres (2020). Ao modelar as ações, instrumentos e ferramentas de pesquisa, se identifica rapidamente que as mulheres sofrerão mais. Desta forma, poderíamos dizer que o Coronavírus não é igualitário, uma vez que as determinações históricas ignoram o papel da mulher no combate à pandemia. A ONU Mulheres para Américas e Caribe recomenda que as mensagens cheguem às mulheres na sua diversidade e abordem as necessidades dos diferentes papéis sociais desempenhados por elas. Além de garantir a atenção primária e o acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva.

No âmbito dos direitos econômicos, a entidade reitera o pedido para medidas diretas de compensação a trabalhadoras informais, incluindo trabalhadoras de saúde, trabalhadoras domésticas, migrantes e dos setores econômicos mais afetados pela pandemia. Deste modo, se reconhece a necessidade de redistribuir a carga de trabalho não-remunerado em casa por causa dos cuidados de saúde e de cuidado de crianças, idosos e pessoas com deficiência. Neste sentido, a ONU Mulheres (2020) tem feito diversos alertas sobre como a epidemia afeta mulheres de diferentes maneiras. A estudiosa Rosana Pinheiro Machado (2020) argumenta que o vírus também escolhe o gênero, ou seja, para ela, o vírus trouxe uma maior sobrecarga de trabalho para as mulheres. Diante deste quadro, ativistas, particularmente, na China, fazem apelos para que sejam dadas maior importância ao fato de que a violência doméstica cresceu durante a quarentena, realidade que

coloca as pessoas sob pressão psicológica extrema. Segundo a Organização Mundial da Saúde, as mulheres representam 70% dos profissionais na linha de frente de combate ao vírus, que estão sendo vulneráveis à infecção e ao estresse. Neste ponto, levantamos a questão: a mídia pode contribuir ou não para dar esta interpretação da ampla participação feminina na luta contra a pandemia?

METODOLOGIA

Como metodologia se utilizou uma pesquisa exploratória que teve como foco a coleta e posterior análise de notícias da mídia realizadas pela internet, durante o período de um mês. Portanto, se trata de uma pesquisa documental realizada com o propósito de selecionar e recortar documentos históricos que podem ou não dar visibilidade à participação feminina no combate à pandemia. Entre as várias afirmações que validam a pesquisa documental, encontram-se autores da metodologia, como Gil (2008), que informam a importância da pesquisa documental na análise histórica e na problematização das práticas sociais. Desta forma, considerou-se realizar uma pesquisa em noticiários, lendo os títulos e resumos das notícias que em seus recortes podem demonstrar ou não o lugar da mulher na liderança de ações de combate ao COVID-19. Como processamento de pesquisa realizou-se uma busca na Folha de São Paulo por meio de palavras-chave: mulheres e covid 19 (Coronavírus), mulheres na ciência. Dentre as notícias foram selecionados nove artigos e separados em categorias analíticas. Como procedimento de análise, após várias leituras textuais foram desenvolvidas as seguintes categorias: aumento da violência contra a mulher, sobrecarga das atividades, saúde da mulher, desigualdade do Coronavírus, mulher protagonista na ciência, mulheres no enfrentamento à covid 19, países liderados por mulheres. Foram descritos elementos que o noticiário traz com respeito a estas categorias.

CONCEITUAÇÃO

Os conceitos que embasaram as análises, são híbridos e baseiam-se no pensamento de Helena Hirata, bem como nos pressupostos teóricos da psicologia histórico-cultural de González Rey e que buscam demonstrar a partir da divisão sexual do trabalho, a construção do gênero e a permanente desigualdade social vivenciada pelas mulheres.

A emergência da pandemia causada pelo novo Coronavírus chega ao Brasil não apenas como uma questão de saúde pública, mas com todo o contexto de seu potencial de produzir subjetivações e de alterar o modo de vida das mulheres na sociedade. Reforçando, portanto, uma desigualdade social produzida no modelo da sociedade patriarcal que (re)produz fortes ressonâncias na constituição da subjetividade, tanto individual quanto social. Para González Rey (2005), a subjetividade é configurada como unidades representativas das sínteses das histórias individuais associadas a elementos das histórias coletivas, a partir das quais a subjetividade se organiza.

Discussão e análise das raízes da condição feminina no trabalho e a tripla jornada

As múltiplas jornadas de trabalho estão entrelaçadas no sentido da maternidade e tarefas domésticas, e maior carga horária na sua rotina diária, principalmente quando concilia essas atividades com o trabalho remunerado e outras atividades, como por exemplo, o estudo ou a pesquisa científica. Para Braga, Araújo e Maciel (2019), a conquista de um espaço no mundo do trabalho por parte das mulheres aconteceu de modo paralelo à perpetuação de obrigações para com a família e instaurou, como consequência, a dupla e/ou tripla jornada de trabalho.

Sob uma perspectiva histórica e comparada é preciso investigar o trabalho dentro da esfera do direito, conforme Rebouças e Cunha (2020). Deste modo, o trabalho da mulher dentro das instituições em sua vulnerabilidade se constitui como uma matéria de direito trabalhista. É preciso ter uma análise histórica e crítica desta relação de trabalho da mulher e de seus impactos com relação à pandemia e ainda considerar as dimensões da própria reforma trabalhista, que certamente impactam nos direitos conquistados pelas mulheres.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada historicamente e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA, 2007, p.5).

Os fatores históricos que marcaram a instituição da exploração têm seus fundamentos vinculados ao advento das sociedades de classe, tendo, portanto, uma determinação histórico-econômica. Conforme Souza (2020), as expressões exploração e opressão da mulher têm seu surgimento atrelado ao desenvolvimento das bases materiais da humanidade.

Para Vera Mônica de Almeida Talavera *et al.* (2020), a qualificação profissional e a atualização frequentes, para se igualar ao homem e se manter no emprego, somadas às demais tarefas resultam no desempenho sobre-humano, uma sobre jornada de trabalho, que implica, inclusive, na renúncia das necessidades pessoais, e possível comprometimento da saúde física e mental das mulheres, constituindo a tripla jornada de trabalho.

Questões como desigualdade de gênero e divisão sexual do trabalho caminham juntas. Entre as renúncias históricas enfrentadas nas jornadas de trabalho, o comportamento da mulher vem se mantendo no enfrentamento a políticas de gênero cada vez mais opressivas mesmo na pandemia. Conforme Shirley Macêdo (2020), a mulher mais prontamente sente os efeitos do confinamento da pandemia, seja no trabalho domiciliar, privado ou público.

A intensificação do trabalho e a maior cobrança de produtividade podem gerar efeitos de desgaste psicológico profundo, conforme Marina Solon *et al.* (2020). Assim, alguns estudos apontam para um alerta sobre a intensificação do ritmo de trabalho, e evidenciam que as desigualdades de gênero seguem a divisão

sexual do trabalho ainda prevalente. Seja na inserção precária ou na desvalorização de seu trabalho, a divisão sexual do trabalho afeta a mulher em qualquer profissão escolhida. Maria Sara de Lima Dias (2012, 2016); Eliane, Lindamir e Nanci (2020), entre outras autoras apontam que a divisão do trabalho continua inserindo homens e mulheres de forma desigual, mantendo como princípio organizador a separação de trabalhos e a hierarquização, conservando as desigualdades sociais de gênero. O impacto histórico da pandemia afeta novamente a divisão sexual do trabalho pelo capitalismo e, conforme Helena Hirata (2009), as mulheres são mais atingidas pela tendência à precariedade e à imposição, e menos pela tendência ao investimento e à iniciativa.

Somado a todos os fatores da seletiva distribuição do trabalho doméstico e das práticas de cuidado já mencionadas, constata-se o aumento das violências contra as mulheres no espaço doméstico e uma ausência da proteção do estado. Tal proteção poderia vir de espaços e lugares de luta por direitos sociais, porém a representação das mulheres nos espaços de decisão política, ainda é pífia para enfrentar o massivo ataque aos seus direitos trabalhistas, sociais, reprodutivos e de saúde física e mental. Ademais, sinalizamos a importância de transversalizar a questão de gênero na construção de políticas públicas durante e pós-pandemia.

TEMAS DAS MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Quadro 1 – Notícias da Folha de São Paulo: mês de março/abril

Data da publicação	Conteúdo
07/03/2020	Pesquisadoras analisam epidemia de Coronavírus em tempo real. Assassinatos de mulheres em casa dobram em SP durante quarentena por Coronavírus.
26/03/2020	Principal hospital de aborto legal de SP interrompe o serviço na crise do Coronavírus. Outros dois hospitais da rede municipal de São Paulo seguem oferecendo procedimento previsto em lei.
26/03/2020	Violência doméstica preocupa Defensoria Pública de SP em época de quarentena. Em casa por causa do Coronavírus, mulheres passam a ter mais contato com seus possíveis agressores.
07/04/2020	À espera de auxílio do governo contra Coronavírus, mães solas driblam fome acordando mais tarde sem fonte de renda e com filhos em casa o dia todo, mulheres chefes de família têm de escolher entre aluguel e comida.
15/04/2020	Assassinatos de mulheres em casa dobram em SP durante quarentena por Coronavírus.
16/04/2020	Por que a violência doméstica cresce na pandemia? A ONU afirma que já é possível ver um aumento exponencial na violência de gênero.
17/04/2020	O confinamento eleva o número de casos de violência doméstica na Europa.
19/04/2020	Vídeos ensinam a mulheres autodefesa na quarentena. Pandemia do novo Coronavírus tem feito agressões a elas crescerem pelo mundo.
19/04/2020	Fechamento de escolas e creches por Coronavírus amplia desigualdade de gênero, o estudo aponta sobrecarga de tarefas.

Fonte: autoras da pesquisa

Consideramos que existe um efeito subjetivo da mídia nos artigos escolhidos e os discursos que reforçam os estereótipos de gênero. Conforme Telma Paulina Klipp (2020), a mídia possibilita observar como as relações de gênero são estabelecidas por determinada sociedade, apontando os significados culturais associados às mulheres e aos homens por essa sociedade.

Se, por um lado, a cultura midiática vigente na sociedade atual reproduz formas e normas sociais, por outro, pode transformar estas mesmas normativas. Assim, a primeira notícia veiculada revela uma grande contradição: o desenvolvimento da pesquisa na qual as mulheres atuam fortemente aliada a um subtítulo que apresenta a cultura da violência contra as mulheres. Assim, ocorre um sombreamento subjetivo no qual os fatos decorrentes da pandemia propalam uma maior visibilidade do aumento das estatísticas de agressões e assassinatos contra as mulheres, e ocultam o grande trabalho das pesquisadoras na pandemia. Logo em seguida, o periódico traz um noticiário carregado de valores sobre um dos serviços que é prontamente atingido pela pandemia, o atendimento de mulheres nos hospitais que podem realizar o aborto legal e novamente a violência contra a mulher é exposta. Desta forma, a mídia enfatiza a violência contra a mulher permeada pela busca de sensacionalismo e maior visibilidade do jornal. No entanto, contraditoriamente, alerta para o perigo do isolamento social e do maior contato com o agressor durante a pandemia.

Para Mileny Martins de Souza (2019), a violência contra a mulher exposta pela mídia, que é permeada pela lógica de obtenção de lucro imposta pelo capitalismo, tem sua base nas relações desiguais, que foram historicamente pré-estabelecidas na sociedade e que são reproduzidas até hoje. Para Laís Gonçalves Natalino (2019), os veículos de comunicação são um dos principais responsáveis pela disseminação das representações socialmente construídas, as quais, por sua vez, perpassam pelas questões de gênero.

A partir do mês de abril de 2020, observa-se nas notícias coletadas um severo aumento do tema da violência contra a mulher. Todos os alegados fatores são principalmente decorrentes do isolamento social, da crise sanitária, do desemprego, da dependência financeira, do fechamento das escolas.

Pode-se observar que o aumento da violência se relaciona diretamente com uma cultura machista e violenta historicamente implantada no país e que é agravada pelo aumento da tensão no ambiente familiar. Segundo Emanuele Souza Marques *et al.* (2020), a crise sanitária, econômica e social trazida pela pandemia COVID-19 e suas necessárias medidas de enfrentamento podem aumentar, sobremaneira, o risco de violência contra a mulher.

Se existe o aumento do tempo de convivência, bem como o aumento das tensões nas relações interpessoais como fatores que podem tornar mais frequentes os episódios de violência, divulgou-se somente uma notícia abordando técnicas de autodefesa e estratégias de sobrevivência para as mulheres durante a pandemia.

É preciso apontar que o enfrentamento da epidemia deve incorporar a realidade de diversidade dos países, que apresentam grandes desigualdades sociais e que apresentam diferentes estratégias sanitárias para o controle da pandemia. Para Marília Sá, Luciana e Cláudia (2020), os índices de violência doméstica e feminicídio têm aumentado no mundo já que as mulheres estão confinadas com seus agressores e distantes do ciclo social, os riscos para elas são

cada vez mais elevados.

Em geral, quando a mídia traz relatos de violência de gênero e explora temas como o assassinato de mulheres, o seu papel pode ser visto pelo senso comum como sensacionalista. Porém, por outro lado, as notícias vinculadas têm contribuído para ampliar a visibilidade dos casos e, em certa medida, alertar para a necessidade de políticas protetivas para a população feminina. Frente à cultura da violência e aos estereótipos associados ao gênero, se observa no Brasil que este aumento da violência doméstica certamente está relacionado com o maior contato com os agressores. Consideramos, portanto, que a mídia, tem um importante papel, ao divulgar constantemente os canais de denúncia para a população; essa seria uma grande ajuda e, possivelmente, um mecanismo de mudança cultural em relação às mulheres, possibilitando assim que elas possam romper o ciclo de violência.

As diferentes notícias que são divulgadas, apontam para o risco da intensificação da violência, mas, infelizmente, poucas tratam de ensinar às mulheres técnicas de defesa pessoal e, conhecimento sobre seus direitos. Ao focar sobretudo no universo familiar, a violência parece desaparecer como um fenômeno amplo e pertencente à cultura e a sociedade.

A mídia oculta o que está por trás nas raízes das marcas históricas que reafirmam o poder e o controle do agressor sobre a mulher.

Durante o período de pandemia ficou evidenciado que a perda de renda familiar complexifica o contexto da vida das mulheres e, particularmente, a situação de enfrentamento da violência. Desta forma, não se pode restringir as estratégias de combate à denúncia da violência, conforme Pâmela, Leila e Ethel (2020), o enfrentamento à violência contra a mulher neste contexto não pode ficar restrito ao acolhimento das denúncias. Esforços devem ser direcionados para o aumento das equipes nas linhas diretas de prevenção e resposta à violência, bem como para a ampliação da divulgação dos serviços disponíveis, a capacitação dos trabalhadores da saúde para identificar situações de risco, de modo a não reafirmar a orientação para o isolamento doméstico nessas situações, e a expansão e o fortalecimento das redes de apoio, incluindo a garantia do funcionamento e ampliação do número de vagas nos abrigos para mulheres sobreviventes.

Pesquisadoras analisam epidemia de Coronavírus em tempo real

A pandemia de Coronavírus no Brasil tem afetado fortemente a produção científica, bem como a vida de quem depende de estrutura e recursos públicos para pesquisar. No caso das mulheres, o impacto foi brutal, uma vez que a mulher vivencia múltiplos papéis sociais, e ao ser uma profissional da ciência, o nível de produtividade e qualificação frente aos padrões que são colocados na sociedade revelam que no contexto pandêmico as produções das cientistas caíram. No entanto, alguns cientistas são considerados protagonistas, entre elas, as biomédicas Jaqueline Góes de Jesus, Ingra Morales, Flávia Salles e a farmacêutica Erika Manuli, que são as pesquisadoras da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), dentro do Instituto Adolfo Lutz (IAL). Estas pesquisadoras decifram em apenas 48 horas as estruturas do Covid-19, por meio da amostra do

primeiro caso de infecção na América Latina. Elas fazem parte da equipe do Centro Conjunto Brasil-Reino Unido para Descoberta, Diagnóstico, Genômica e Epidemiologia de Arbovírus (CADDE), liderado pela médica Ester Sabino. A equipe é composta por mais quatro mulheres e um homem. Nesse sentido, os autores Luísa, Yuriy e Anna Elisa (2019) afirmam que ainda existem muitos obstáculos para que as mulheres cientistas sejam reconhecidas como profissionais e valorizadas nos seus fazeres, como reforçam Marília e Lindamir (2011), as mulheres estão produzindo ciência e contribuindo com seus saberes e sua produção para o avanço da humanidade. É preciso, ainda, um trabalho de luta para eliminar as desigualdades entre homens e mulheres na produção do conhecimento científico. Eliminar esta desigualdade não significa eliminar as diferenças, portanto, consideramos significativo manter as diferenças de olhares, neste caso, as diferenças de gênero no desenvolvimento da ciência.

A narrativa jornalística pode contribuir para o desenvolvimento de mecanismos que favoreçam o desenvolvimento do empoderamento feminino. As notícias por vezes se revelam como fios condutores de comportamento humano, demonstram obstáculos e formas de enfrentamento da violência, divulgam mecanismos de defesa e proteção social, conforme as autoras Alane Reis, Naiara Leite e Daniela Matos (2019). Por vezes, as abordagens midiáticas podem ser sensacionalistas e preconceituosas, ou podem contribuir com alterações para a mobilização da população em suas ações sociais de combate à desigualdade de gênero no trabalho.

Segundo Jeane Carla Oliveira De Melo e Liz Diaz (2019), é preciso considerar que o texto jornalístico é sempre uma construção social e, portanto, é atravessado por valores simbólicos relacionados a diversos marcadores sociais entre os quais o gênero é destacado, com regras e normas de comportamentos típicos de um determinado modelo cultural e social a ser seguido e adotado para se tornar uma mulher. Conforme os interesses políticos, econômicos e sociais, a mulher é objeto de atenção ou de negação desta atenção. Ou seja, as manchetes ora revelam e ora ocultam a importância social do trabalho das mulheres, cientistas e pesquisadoras para o desenvolvimento do conhecimento científico na pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de observar as notícias decorrentes da pandemia e a relação com as mulheres, acreditamos que se evidenciou a questão da falta de correspondência entre as notícias e a realidade, uma preocupação com os discursos midiáticos que apontam ou encobrem os obstáculos nas ações contra o Covid relativos ao gênero. Como o aumento das desigualdades em relação ao papel da mulher na sociedade e os empecilhos que estas enfrentam, nos processos de combate à doença e preservação da vida. As notícias retratam a desigualdade de gênero em tempos de pandemia, ou seja, o que já era desigual somente se manifesta de maneira ainda mais acentuada.

Em geral, as mulheres já têm uma sobrecarga de atividades em casa, assumem seus múltiplos papéis sociais. O abalo de toda a economia capitalista é sentido pelos grupos profissionais mais vulneráveis, porém recai sobre as mulheres de um modo mais profundo e mais complexo. São dimensões ocultas e que podem vir

expressas na pandemia por outros fatores, desde a falta do acesso aos preservativos, a falta de cuidados na gravidez à saúde geral e integral e ao rápido desemprego feminino.

Entretanto, nos parece pertinente salientar que as mulheres estão à frente no enfrentamento da pandemia de várias formas. São as mulheres que compõem 70% da equipe médica e de apoio e 85% das enfermeiras em hospitais, e metade dos médicos nos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento do Comércio (OCDE) são mulheres. As mulheres estão salvando milhões de vidas enquanto se expõem a um maior risco de infecção. Além disso, 90% das atividades de assistência a longo prazo e até 10 vezes mais trabalho doméstico não-remunerado são realizadas por mulheres em todo o mundo. Um aspecto que deve ser destacado é que nos países liderados por mulheres o combate do Coronavírus tem sido mais eficaz.

Tendo mulheres como líderes, esses países que estão respondendo melhor à crise têm outras coisas em comum. Todos são economias desenvolvidas, com um sistema de assistência social estabelecido e alta pontuação na maioria dos indicadores de desenvolvimento humano. Outro aspecto fundamental é a necessidade de ter mais mulheres na ciência que possam produzir conhecimentos implicados na questão do gênero. Para Deisy de Freitas Lima Ventura (2020), a produção de conhecimento deve exceder a perspectiva puramente tecnológica e biomédica das emergências, levando em conta questões macroestruturais dos processos de saúde/doença e sua determinação social.

Se visualizou grandes avanços que trouxeram a mulher protagonista e com maior visibilidade no campo da ciência. Os cientistas de todo o mundo gerarão o conhecimento que permitirá enfrentar não só a pandemia da COVID-19, mas também subsidiar políticas que organizem a assistência e possibilitem o cuidado adequado aos pacientes. Mulheres líderes em diversos países são fundamentais para o combate da pandemia, passam a ter que vencer um contexto complexo de nossa história. As memórias da pandemia preservarão diversas situações sociais, em que as mulheres se tornaram protagonistas.

Se alguns aspectos como a sobrecarga com atividades dentro de seus domicílios e a elevada demanda no trabalho remoto, são ocultados pelas matérias jornalísticas, outros aspectos como a violência doméstica e o feminicídio são evidenciados pela mídia sensacionalista. Para a mídia e público em geral, a falta de reconhecimento de que se trata de uma pandemia, representa mais um desafio para as mulheres. Intensificando ações tanto no ambiente público quanto privado se observa uma práxis de inegável papel como gestora da família. A mídia pode contribuir ou não para dar esta interpretação uma forma mais sistemática e de enfatizar e valorizar a participação da mulher. Ao atuar no desenvolvimento da pesquisa científica, no trabalho com a saúde pública ou em casa é básico comprovar a luta feminina contra a pandemia, assim como promover a igualdade da participação de mulheres ao propor práticas de cuidado também ligadas ao gênero.

O acesso à igualdade de oportunidades requer uma mudança de paradigmas oriundos da divisão sexual do trabalho e das políticas públicas em geral, é fundamental que a mídia contribua para a mudança da cultura de violência implantada no país e que valorize o grande papel das mulheres no enfrentamento da pandemia. Certamente, as consequências econômicas e sociais da crise

exacerbarão as desigualdades e a discriminação existentes contra mulheres e meninas, especialmente contra as mais marginalizadas e as que já estão em situação de extrema pobreza.

Women and Covid-19: feminist leadership

ABSTRACT

The purpose of this article was to investigate through news in the media the role and place of women in this pandemic. Faced with the evolution of the Coronavirus (COVID-19) that spreads around the world and in which scientists and other professionals in addition to the health area have been working, women are committed to diagnostic actions in the care of cases and in care practices. Understanding the action of women in this area of work requires giving greater visibility to the unfolding of social isolation as well as the peculiarity of the role of women at a deeper level about their care practice in health care. For the media and the public, the lack of recognition that this is a pandemic is another challenge for women. Intensifying actions both in the public and private environments, one observes a praxis of undeniable role as family manager. The media may or may not contribute to give this interpretation a more systematic way of valuing the participation of women, when acting in the development of scientific research, in working with public health or at home, it is essential to prove the female fight against the pandemic as well as to promote the equal participation of women when proposing care practices also linked to gender. Access to equal opportunities requires a change in paradigms arising from the sexual division of labor and public policies in general.

KEYWORDS: Women; science; gender inequality; covid-19, pandemic.

Mujeres y Covid-19: liderazgo feminista

RESUMEN

El propósito de este artículo fue investigar a través de noticias en los medios de comunicación el papel y lugar de la mujer en esta pandemia. Frente a la evolución del Coronavirus (COVID-19) que se extiende por el mundo y en el que han estado trabajando científicos y otros profesionales además del área de la salud, las mujeres apuestan por acciones de diagnóstico en la atención de casos y en las prácticas asistenciales. Comprender la acción de las mujeres en este ámbito laboral requiere dar mayor visibilidad al despliegue del aislamiento social, así como a la peculiaridad del rol de la mujer en un nivel más profundo en lo que respecta a su práctica asistencial en la salud. Para los medios de comunicación y el público en general, la falta de reconocimiento de que se trata de una pandemia es otro desafío para las mujeres. Intensificando acciones tanto en el ámbito público como en el privado, se observa una praxis de innegable rol como gestor familiar. Los medios de comunicación pueden o no contribuir a dar a esta interpretación una forma más sistemática de valorar la participación de las mujeres, al actuar en el desarrollo de la investigación científica, en el trabajo con la salud pública o en el hogar, es fundamental probar la lucha femenina contra la pandemia, así como promover la participación igualitaria de las mujeres a la hora de proponer prácticas de cuidado también vinculadas al género. El acceso a la igualdad de oportunidades requiere un cambio de paradigma derivado de la división sexual del trabajo y de las políticas públicas en general.

PALABRAS CLAVE: Mujeres; ciencia; desigualdad de género; covid-19, pandemia.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, Aug. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0101-73302004000200003 & lng=en\ nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200003&lng=en&nrm=iso).
<https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- BRAGA, Natalia L.; ARAÚJO, Noália M. de; MACIEL, Regina Heloisa. Condições do trabalho da mulher: uma revisão integrativa da literatura brasileira. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 232-251, ago. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1516-36872019000200008 & lng= pt\ nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872019000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 out. 2020.
<http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n2p232-251>.
- CARVALHO, Marília Sá; LIMA, Luciana Dias de; COELI, Cláudia Medina. Ciência em tempos de pandemia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00055520, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0102-311X2020000400101 & lng=en\ nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400101&lng=en&nrm=iso). Acesso em 22 abr. 2020. Epub Apr 06, 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00055520>.
- CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 20-35, dez. 2011. ISSN 1807-1384. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20/20565>. Acesso em: 26 abr. 2020.
doi:<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2011v8n2p20>.
- DIAS, Maria Sara de Lima; SOARES, Dulce Helena Penna. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1414-98932012000200002 & lng=en\ nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000200002>.
- DIAZ, Liz Ribeiro. **Masculino, o gênero do jornalismo? o tensionamento entre a representação da mulher na mídia tradicional e o movimento feminista em redes sociais digitais**. 2019. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/200425>
- EAGLETON, Terry **Ideology, an introduction**. Oxford: Verso, 1991.
- FREITAS, Lucas Bueno de; LUZ, Nanci Stancki da. Gênero, Ciência e Tecnologia: estado da arte a partir de periódicos de gênero*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 49, e174908, 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000100304&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 Abr. 2020. Epub Mar 13, 2017. <https://doi.org/10.1590/18094449201700490008>.
- Gil, Antonio da Costa. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 17-18, p. 139-156, 2002. Available from: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-)

83332002000100006 & lng=en&nrm=iso. Access on: 26 Abr. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S0104-83332002000100006>.

HIRATA, Helena. A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 24-41, Junho 2009. Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100003 & lng=en&nrm=iso. Access on: 23 Abr. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100003>.

KLIPP, Telma. Paulina. **A violência política de gênero na América Latina: a relação entre Dilma Rousseff e a mídia**, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/213423>

MARQUES, Emanuele Souza *et al.* A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, p. e00074420, 2020.

MACÊDO, Shirley. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n.2, 187-204.
<https://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>

MACHADO, Rosana Pinheiro. Coronavírus não é democrático: pobres, precarizados e mulheres vão sofrer mais. **The Intercept**. 17 de março de 2020.
<https://theintercept.com/2020/03/17/coronavirus-pandemia-opressao-social/>

MASSARANI, Luisa; CASTELFRANCHI, Yuri; PEDREIRA, Anna Elisa. Cientistas na TV: como homens e mulheres da ciência são representados no Jornal Nacional e no Fantástico *. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 56, e195615, 2019. Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200505&lng=en&nrm=iso. Access on: 26 Apr. 2020. Epub Sep 16, 2019. <https://doi.org/10.1590/18094449201900560015>.

NATALINO, Laís. Gonçalves. **Representações multimodais da mulher secretária no discurso da mídia do Brasil e da Inglaterra: questões de gênero nas traduções culturais**, 2020.
<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/64397>

OLIVEIRA, Eliane Basilio de; CASAGRANDE, Lindamir Salete; LUZ, Nanci Stancki da. Divisão sexual do trabalho: o lugar das mulheres jornalistas na reestruturação produtiva. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 13, n. 41, p. 249-266, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 24 abr. 2020.

REY, Fernando Luiz González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Thomson, 2005.

REIS, Alane.; LEITE, Naiara.; MATOS, Daniela. **Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras**. Disponível em:
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1823-1.pdf>

REBOUÇAS, Fernanda Magalhães; CUNHA, Maitê Marques. Análise histórica e crítica da relação de trabalho feminina e os impactos da reforma trabalhista nos direitos conquistados. **Revista do CEPEJ**, n. 22, 2020.
<https://portalseer.ufba.br/index.php/CEPEJ/article/view/38325>

SOUZA, Cristiane Gomes De. A mulher de negócios no discurso do trabalho feminino. **Revista Katálysis**, v. 23, n.3, p.700-706, 2020. Epub October 16, 2020.
<https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p700>

SOUZA, Mileny. Martins. D. (2019). **Reprodução da violência contra a mulher na mídia: a realidade do sertão Paraibano**. Disponível em:
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/11534>

SOLON, Marina; ARAÚJO, Mayara; RODRIGUES, Naiana; NUNES, Márcia. O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19. **Revista Inter-Legere**, v.3, n. 28, p. c20842-c20842, 2020.
<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/20842>

TALAVERA, Vera. **A terceira jornada de trabalho da mulher na contemporaneidade**. 2020. Disponível:
<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/1954>

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. bras. epidemiol.** Rio de Janeiro, v. 23, e 200033, 2020. Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201&lng=en&nrm=iso. Access on: 26 abr. 2020. Epub Apr 22, 2020. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima *et al.* Desafios da pandemia de COVID-19: por uma agenda brasileira de pesquisa em saúde global e sustentabilidade. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 4, e00040620, 2020. Available from:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400502&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 abr. 2020.

Recebido: 30/04/2020.

Aprovado: 12/07/2021.

DOI: 10.3895/cgt.v15n45.12145 .

Como citar: DIAS, Maria Sara de Lima; BROGNOLI, Paula Caldas. Mulheres e Covid-19: a liderança feminista. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 130-144, jan./jul. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

